

PRA MIM CHEGA

AMOSTRA
Torquato Neto

TORDESILHAS

Rio de Janeiro, 2024

SU

M A

RIO

AMOSTRA

	Prefácio	vii
1	Sem limites	2
2	O menino impossível	6
3	Poesia seca faz chover no nordeste	29
4	Nas águas da Guanabara	44
5	Agora, o nunca	72
6	Com a boca no trombone	99
7	A explosão tropical	136
8	Dando um rolê	167
9	Nas malhas do engenho	207
10	O dia D	260
11	Marcas no asfalto	280
	Posfácio	295
	Agradecimentos	300
	Bibliografia	301

CAPÍTULO TÍTULO

1

AMOSTRA

SEM LIMITES

(três histórias de 1972)

Antes, os dois haviam conversado, ou melhor, filosofado durante quase uma hora de copo na mão. Eles estavam em um botequim de quinta categoria nos arredores de Teresina. Torquato se irritava com o amigo Edmar, que apresentara planos de seguir carreira como médico sanitарista, fazendo o modelo “comissário do povo para assuntos de saúde pública”:

— Merda! — disse Torquato com voz firme. — Quando vocês vão perceber que o mundo dentro da nossa cabeça é muito maior? O homem precisa conhecer a si mesmo para permitir que valas negras e misérias deixem de existir.

Seu discurso era contra as ideias preconcebidas e o medo paralisador, o verdadeiro inimigo da evolução política do brasileiro naqueles anos de ditadura. Cobrava iniciativas e sintonias de pensamento. (Ele tinha um jeito peculiar de se sentar à mesa do botequim, cruzando os braços abaixo do queixo, de modo a poder segurar os ombros com as mãos invertidas; as pernas, ele as cruzava até conseguir dar a segunda volta, como só fazem mulheres elegantes e homens de pernas compridas.) Em seguida, depois de um breve silêncio, Torquato indicou com o queixo o sujeito grandalhão e invocado que bebia cachaça na outra extremidade do balcão, perguntando com certo olhar anestesiado:

— Quer ver como as aparências enganam?

Edmar ainda implorou “Pelo amor de Deus”, mas não adiantou. Foi tudo muito rápido. Sem esperar resposta, ele se encaminhou até o alvo e, surpreendentemente, dispensando prolegômenos, torceu o nariz do brutamontes, que se viu despido de qualquer reação diante do rapaz franzino, quase esquelético:

— Tá maluco? Que é isso?!

Torquato explicou qualquer coisa, algo sem sentido, ofereceu o copo para um brinde e voltou a se sentar em frente ao atônito Edmar. Ele tinha torcido o nariz do sujeito como se fosse uma torneira. O homem continuou resmungando:

— Cada louco que me aparece...!

Ficou provado, para efeito de alguma causa desconhecida, que o homem era manso, apesar do tamanho, e tolerante, apesar das aparências. O que se sabe ao certo é que, a partir desse episódio e dessas conversas, Edmar de Oliveira, o amigo oito anos mais jovem, mudou de opinião. Hoje, ele atende como diretor, médico psiquiatra do Instituto Nise da Silveira, um condomínio de loucuras onde Torquato esteve internado e escreveu, em 1971, o Diário d’Engenho de Dentro.

Outra vez, Torquato exercitou sua porção SEM LIMITES, tendo como *sparring* o cartunista Jaguar, então vivendo dias de glória com o semanário O Pasquim. Eles caminhavam em sentidos opostos em uma calçada, em Copacabana, cada um com sua mulher, Torquato com Ana e Jaguar com Olga Savary. Torquato desviou do caminho, tomando uma reta tangencial até se posicionar em frente a Jaguar, de quem foi logo tirando os óculos. Ele disse:

— Você já é cego, não precisa disso!

Com as duas mãos, torceu a armação várias vezes, antes de jogá-la no chão e pisoteá-la, esmagando as lentes. Fez isso e seguiu caminhando de mãos dadas com Ana, como se nada tivesse acontecido. Ele estava se vingando daquilo que

considerava uma “postura machista e covarde desse pessoal d’O Pasquim contra a Tropicália”. Nas páginas do tabloide, Jaguar o chamava de “a falsa baiana”.

Por fim, Torquato estava recebendo em casa, no Rio, um amigo músico, o guitarrista Renato Piau, que chegara de Teresina meses antes e agora se curvava diante da solidão na cidade grande:

— Torquato, fui me meter nisso e hoje eu sou uma pessoa cheia de dúvidas.

Ele retrucou:

— E eu de dívidas.

AMOSTRA



CAPÍTULO TÍTULO

2

AMOSTRA

O MENINO IMPOSSÍVEL

(para entender as origens)

Uma das primeiras letras de música escritas por Torquato Neto — *A rua*, de 1967 — pode ser entendida como um mapa da infância do poeta em sua cidade natal, Teresina. Criada no período pré-tropicalista, a música faz referências às cirandas que animavam as festas regionais, ao bairro do Barroão, à rua São João (onde ele morava, antiga Pacatuba) e ao rio Parnaíba, então de águas claras e não poluídas. Incorporando as virtudes de um texto de autorreferência (já comum em Oswald de Andrade e, mais tarde, no Tropicalismo), Torquato valorizava personagens como Macapreto e Zé Velhinho ou as moças Das Dores e Luzia, que trabalhavam em sua casa ajudando nas tarefas domésticas:

A rua

toda rua tem seu curso
tem seu leito de água clara
por onde passa a memória
lembrando histórias de um tempo
que não acaba

de uma rua, de uma rua
eu lembro agora

que o tempo ninguém mais
ninguém mais canta
muito embora de cirandas
(oi de cirandas)
e de meninos correndo
atrás de bandas
atrás de bandas que passavam
como o rio parnaíba
rio manso
passava no fim da rua
e molhava seus lajedos
onde a noite refletia
o brilho manso
o tempo claro da lua

ê são joão, ê pacatuba
ê rua do barroco
ê parnaíba passando
separando a minha rua
das outras, do maranhão

de longe pensando nela
meu coração de menino
bate forte como um sino
que anuncia procissão

ê minha rua, meu povo
ê gente que mal nasceu
das dores que morreu cedo
luzia que se perdeu*
macapreto zé velhinho

* Certo dia, quando foi revelado que a menina Luzia tinha perdido a virgindade, todos diziam: “Luzia se perdeu.” Torquato, do alto de sua ingenuidade, chegou a perguntar: “Então, por que ninguém sai de casa para procurá-la?”

esse menino crescido
 que tem o peito ferido
 anda vivo, não morreu

ê pacatuba
 meu tempo de brincar
 já foi-se embora
 ê parnaíba
 passando pela rua
 até agora
 agora por aqui estou
 com vontade
 e eu volto pra matar
 essa saudade

ê são joão ê pacatuba
 ê rua do barroão

Torquato Pereira de Araújo, neto, (assim mesmo, com vírgula e letra minúscula) tem suas origens em duas famílias portuguesas. Seu pai, Heli, era descendente dos Pereira Nunes que, no século XIX, viviam em Oeiras, a capital da província de São José do Piauí. Sua avó paterna, Rosa, coincidentemente, tinha como nome de solteira Pereira, o que, a rigor, emprestaria ao novo ramo familiar o sobrenome Pereira Pereira. Uma posterior homologação em cartório definiu a forma final, por opção: Heli da Rocha Nunes, adotando o sobrenome do pai Aurino da Rocha Nunes (nascido em Teresina e criado em Picos, sul do estado, onde trabalhava como comerciante de gado). Heli tinha sete irmãos.

A mãe de Torquato, Maria Salomé da Cunha Araújo, mais conhecida como Dona Saló, professora primária em escola pública, era filha de Torquato Pereira de Araújo, coronel da PM e chefe da Casa Militar, durante o mandato do interventor Leônidas de Castro Melo. A avó materna do poeta, Maria

Cunha Araújo, a Sazinha, era uma doce figura, algo folclórico, que nutria uma estranha atração por pessoas, digamos, excepcionais, como cegos, surdos, mudos e gogos. Apesar de ter em casa doze filhos, Dona Sazinha se fazia cercar dessa gente. Chegou a adotar um anão, o João, que passou a fazer parte da família. Manoel “Avião”, o Maluco, chegava em sua casa ronronando, abrindo os braços como um monomotor da Segunda Guerra Mundial em voos rasantes: “Rrrroarrrr, uuuuuu aaaaauu, rrrroooooammm... Eram os agregados, que às vezes colocavam oito, nove pessoas à mesa na hora do almoço. Havia algo de excêntrico no comportamento natural de vó Sazinha, e, talvez por isso, ou até mesmo por outras, Torquato demonstraria um especial afeto por ela durante toda a vida.

Como elemento perturbador desse vértice familiar dos Pereira Nunes, vale lembrar que Heli Nunes, ou simplesmente Dr. Heli, pertencia a uma família espírita (kardecista e estudioso no assunto, era também membro da maçonaria local) e Salomé, católica fervorosa, podia ser identificada como uma beata típica do norte do Brasil. Desde menina e até a fase adulta, depois de casada, ela frequentava a Igreja de Nossa Senhora das Dores, na praça Saraiva, próximo à casa de dona Sazinha, sua mãe. Surgia nesse momento, antes mesmo do nascimento, a primeira ambiguidade (contradição) na vida do pequeno Torquato, localizada especificamente no âmbito da religiosidade e da fé.

Heli e Salomé se casaram em 1941, ele de terno escuro, ela de vestido branco, clássico, com véu e grinalda. As bodas aconteceram após um longo período de negociações, marcadas por exaustivas sabinas impostas pelo pai da moça que não abria mão de exigir do genro, no mínimo, “um emprego efetivo”. Melhor seria, ainda, a independência financeira consumada. Heli, na época trabalhando como Inspetor de Educação, não teve outra alternativa a não ser correr atrás do tempo perdido, debruçar-se nos livros e batalhar por uma

vaga na Faculdade de Direito para, em seguida, participar do disputado concurso para Promotor Público. Era o dote que se exigia para que a união fosse consumada. Mas, apesar do esforço do rapaz, o casamento foi marcado antes mesmo que a promessa fosse cumprida — o que só aconteceria quinze anos depois, em 1956, quando Heli seria nomeado Promotor no município de Batalha.

Percebia-se claramente, por parte da família de Salomé, uma certa resistência e intolerância aos hábitos boêmios do jovem, apreciador de uma cervejinha noturna com os amigos — quase sempre em ambientes escuros e suspeitos. Afinal, estamos em Teresina*, onde o calor é um elemento notável e deve ser entendido como resultado de um fenômeno geográfico: a cidade fica apenas 70 metros acima do nível do mar, no interior do Brasil.

Dona Salomé tinha onze irmãos, entre eles Ernani, advogado e diretor dos Correios, casado com uma moça de nome Maria Vitória, irmã do poeta Mário Faustino, que acabaria exercendo grande influência em Torquato. Quando Heli e Salomé conseguiram superar os obstáculos, casar e pensar em filhos, o Brasil de Getúlio Vargas acompanhava apreensivo os acontecimentos sombrios da Segunda Guerra Mundial. O mundo, estarecido, assistia ao desabrochar do nazismo e do forte sentimento antissemita pregado por Adolf Hitler. A Europa estava em ebulição. O mundo estava em ebulição.

(para entender o personagem)

Torquato Neto nasceu às 16 horas e 48 minutos do dia 9 de novembro de 1944, no setor de Maternidade do recém-inaugurado Hospital Getúlio Vargas, no centro de Teresina. Era uma quinta-feira, e ninguém podia imaginar que o parto

* O nome é uma homenagem à Imperatriz Thereza Cristina, mulher de D. Pedro II.

pudesse ser tão difícil e sofrido. Os exames preventivos, recomendados pelo obstetra Antonio Maria Corrêa, haviam revelado que Salomé tinha a bacia estreita — e que, possivelmente, surgiriam problemas na hora no parto. Mas o que aconteceu foi demais. Não se falava em cesariana nessa época — e o bebê foi retirado a fórceps de dentro da mãe, durante uma batalha sangrenta que durou mais de uma hora, quando a bolsa rasgou e a sala de operações se transformou em um mar de sangue. Um movimento acidental acabou provocando um ferimento na cabeça do bebê que, afinal, veio ao mundo ferido e traumatizado. O Dr. Heli estava na sala de operações e foi testemunha ocular dos acontecimentos. Marinheiro de primeira viagem, ele ficaria impressionado com essas cenas. Em suma, o menino sobreviveu e seria batizado com o nome do avô paterno. Signo Escorpião — ascendente em Touro e lua em Virgem. Principais características, segundo especialistas em astrologia: muito sensível, cauteloso e tímido. Capaz de amar muito, mas raramente consegue se expressar de forma aberta e livre. Macaco no horóscopo chinês.

(Dona Salomé levou mais de um ano em tratamento para se livrar das consequências desse parto. Foi um longo período de peregrinações por hospitais e consultórios médicos, incluindo uma última cirurgia em uma clínica especializada, no Rio de Janeiro, onde tudo se resolveu. Ou quase. Pouco tempo depois, de volta a Teresina, um descuido do casal provocou uma nova gravidez. E novos problemas apareceram. Em seu depoimento, o Dr. Heli lembra das consequências:

— Nasceu uma menina, aos 6 meses, que viveu pouco tempo antes de partir. Mas o nome já tinha sido escolhido, seria Rosa Maria, como minha mãe.)

Torquato Neto estava mesmo predestinado a ser filho único. E esse fato parece ter sido marcante na sua formação.

Nessa época, surgem as primeiras divergências quanto à educação do garoto. O Dr. Heli defendia a tese — na qual acreditava cegamente — que uma boa palmada na bunda o ajudaria a distinguir, com rapidez — e pelo método tradicional —, a diferença entre o certo e o errado. Dona Saló considerou o discurso prenhe de filosofia, tudo muito certo, tudo muito bom, mas, assim que resolveu se manifestar, o fez de forma taxativa:

— Você pode bater em mim, me dar tapas, mas não coloque as mãos no meu filho. Bater nele, jamais!

E assim foi feito. Ainda hoje, o Dr. Heli balança a cabeça e arregala os olhos diante da questão, murmurando para si mesmo: quem sabe não teria sido diferente?

Mais tarde, em 1968, Torquato criaria a letra da música *Mamãe, coragem*, negando qualquer referência freudiana na composição que diz: “ser mãe é desdobrar fibra por fibra o coração dos filhos”.

O menino, enquanto vigor físico, se revelou franzino desde o início, preferindo as leituras aos esportes. E mais: tinha, além de um grande nariz e a pele muito branca, enormes orelhas de abano, contrastando com a cabeça longa e magra, inequívoca herança paterna. Esse detalhe anatômico lhe conferia, na escola, o papel de alvo favorito das cassuletas, uma das armas mais eficazes na guerrilha colegial, resultando quase sempre em orelha quente e raiva incontável. Seus cabelos eram claros, quase louros. Como que para equilibrar essas peculiaridades, era inteligente e demonstrava grande vivacidade, percebida desde cedo pelos professores das escolas por onde passou. Para desespero de Dona Saló — que chegou a amarrar talas e saquinhos em uma de suas mãos, para forçar o uso da outra —, era canhoto. Fez o jardim de infância no Colégio das Irmãs, em 1948, e o curso primário no Colégio Batista, administrado por uma missão religiosa norte-americana. A escola tinha fama de ser rigorosa apenas nos horários — e quase nada no ensino. Para os meninos que chegavam